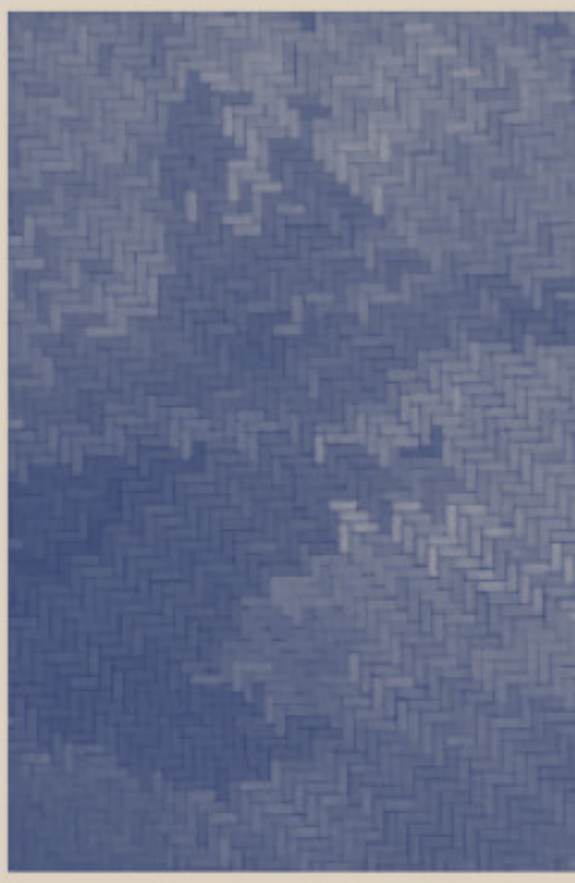
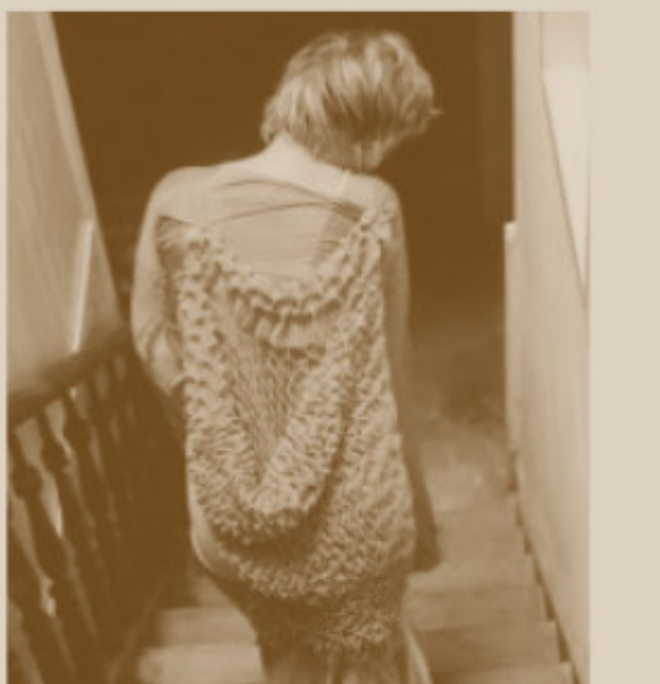
MUSEU DE ARTE DO RIO

Brígida Baltar : Pontuações





O trabalho escultórico, performático, fotográfico, amplo e potente de Brígida Baltar (1959-2022) chega ao Museu de Arte do Rio em uma exposição que celebra a obra dessa artista que transformou a arte contemporânea brasileira. Suas diversas narrativas fabulares estarão disponíveis ao público que visitar o MAR e nossa missão é que a poética de Brígida possa reverberar e encantar nossos visitantes.

A obra dessa artista visual se apresenta em uma multiplicidade de materiais e superfícies nos quais encontramos uma verdadeira ampliação de conceitos. A mostra "Brígida Baltar: pontuações" reúne cerca de 200 obras produzidas por quase três décadas de atuação. Esta é a maior exposição institucional dedicada à artista e é realizada em parceria com o Instituto Brígida Baltar e a Galeria Nara Roesler, aliás, esses encontros revigoram a missão do MAR de trazer mostras aliadas a instituições culturais que possuem um amplo acervo documental e artístico.

Acreditamos no importante papel do MAR para a discussão e o diálogo das múltiplas e diversas produções na arte contemporânea do nosso país. Por isso, apresentar a exposição "Brígida Baltar: pontuações" é uma imensa alegria e satisfação, pois amplia o legado deixado por uma das maiores artistas brasileiras.

•

Rodrigo Rossi
Diretor e Chefe da Representação da OEI no Brasil

A exposição “Brígida Baltar: pontuações” elaborada especialmente para o Museu de Arte do Rio traz toda a força e a potência da poética dessa artista carioca que se consagrou no campo das artes visuais brasileiras. O MAR, sabendo da importância de Brígida Baltar, tem a missão de garantir a salvaguarda da memória. Por isso, realizar esta mostra é mais que uma homenagem e sim, um dever na historiografia da arte brasileira.

Obras de Brígida Baltar fazem parte da nossa coleção e hoje estão nessa exposição que apresenta quase duas centenas de obras, algumas inéditas, entre fotografias, vídeos, instalações, esculturas e memórias textuais da artista. Brígida foi uma artista que fundou universos de encantamento e fantasia, habitados por seres imaginários e objetos triviais do dia a dia que ganharam outros sentidos, flertando com o surreal. Uma mulher que desde os anos 1990 protagoniza parte da produção contemporânea em exibições nacionais e internacionais.

Poder capturar o impalpável, perseguir o intangível, subverter o óbvio, eram formas da artista ocupar espaços inesperados, reunindo corpo, natureza, paisagem e moradia. Que as neblinas, os orvalhos, as maresias de Brígida Baltar possam ser sentidos por cada visitante que percorrer o Museu.

Uma excelente exposição!

•

Sandra Sérgio
Diretora Executiva do Museu de Arte do Rio
Coordenadora Nacional de Projetos Especiais
da OEI no Brasil

No dia 21 de agosto de 2022, Brígida registrou no caderno de memórias que inspirou esta exposição que "o Instituto Brigida Baltar deverá existir até que a obra esteja bem colocada em instituições de arte e museus importantes, preservando a memória e o pensamento da obra na história da arte, como artista brasileira da década de 1990. Dois anos depois, em parceria com o Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR), realizamos a maior e mais importante mostra já dedicada à artista, após seu falecimento em outubro de 2022, marcando o primeiro gesto público da instituição que leva seu nome.

Brígida Baltar produziu filmes, esculturas, bordados, desenhos, pinturas, fotografias, performances e instalações.

Reconhecia-se como uma artista visual dos anos 90 por observar no seu trabalho respostas às questões da arte que emergiram na virada de década. Manteve-se dedicada à sua produção até o fim da vida, quando, com seu filho Tiago Baltar e amigos, começou a planejar uma instituição para preservar sua obra.

Usando a sua casa e a natureza como paisagem e matéria-prima, Brigida personificou sonhos e fábulas e emprestou seu corpo para fazer filmes e construir abrigos, originando centenas de obras. Em *Pontuações*, convidamos o público a mergulhar em um conjunto expressivo das diversas fases da artista, com obras pertencentes ao acervo do Instituto e de importantes coleções do Brasil, incluindo o MAR, organizadas em quatro núcleos. Além das obras, a poética de Brigida manifesta-se nos escritos e nas pistas que deram forma a esta exposição, e de agora em diante no Instituto que nasce para preservar sua memória e cuidar do seu legado.

•

Instituto
Brígida Baltar

BRÍGIDA BALTAR É uma artista visual, nascida no Rio de Janeiro em novembro de 1959. Foi estudante na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Ao longo de sua carreira, elaborou fotografias, performances, filmes, esculturas, instalações e objetos. *Pontuações*, no Museu de Arte do Rio, é a maior exposição já realizada sobre a artista. A mostra, póstuma, foi organizada em parceria com o recém-criado Instituto Brígida Baltar.

Buscamos estabelecer uma rede de "confiança", palavra escolhida por Brígida em um de seus trabalhos, ao exibir um significativo conjunto de obras da artista. Este projeto coletivo baseia-se nos escritos inéditos que a artista nos legou em um caderno de anotações. Brígida Baltar organizou, a partir de um diário, reflexões e informações sobre sua produção, indicando-nos desde profissionais com os quais trabalhou até materiais, processos e instruções de montagem. Ali, nessa espécie de diário, ficamos informados sobre os modos como cada uma das obras deveria ser exibida, refeita ou mesmo liberada a uma leitura curatorial mais interpretativa. Dessa forma, o que fizemos foi ouvir o que a artista nos propunha e apresentar as reflexões dela por toda a extensão da exposição.

Brígida Baltar foi uma das mais importantes artistas brasileiras, responsável por trazer ao mundo da arte imagens que relacionam corpo, natureza e fantasia. Quando a produção artística nacional, nos anos 1980, ainda se dedicava a um retorno à pintura, Brígida nos provocou a olhar as neblinas, mas não só. Nas décadas seguintes, imbuída dos devaneios e das utopias tão próprios à imaginação, a artista tornou-se personagem de suas fabulações e de sua coleta do etéreo. Um pouco antes de falecer, reinterpretou sua emblemática pesquisa sobre a neblina, depois que assistiu a uma fala de Ailton Krenak, na qual ele relatava a importância desse fenômeno atmosférico para os povos originários, signo de espiritualidade e cura, hoje raro pelos efeitos do desmatamento.

Pontuações nos faz ver, perceber e projetar as mais íntimas conversas que tivemos com a artista, mas também um amplo espectro de uma obra singular e fundamental para a arte brasileira e global.

•

Amanda Bonan,
Jocelino Pessoa & Marcelo Campos
curadoria

A RELAÇÃO DE Brígida Baltar com sua família está presente em diversas obras. Crônicas familiares são matérias-primas para a construção de imagens poéticas que, à primeira vista, poderiam parecer ordinárias. As mulheres de sua família são evocadas simbolicamente em seu autorretrato com uma peruca loira, referência ao negócio familiar estabelecido em Nova Iguaçu, um salão de beleza no fundo do quintal.

Brígida ao visitar a mãe vasculhava armários e gavetas, retirando o que poderia escapar a alguma lógica. Recolhia pedaços de papel, penas, plásticos e os acondicionava em um garrafão. Com isso, havia o desejo da filha de, ao mesmo tempo, reter a mãe para si e liberá-la da razão. Assim, evidenciava a busca do que a arte faz com os disparates: atribui-lhes algum sentido.

Na infância em Copacabana, Brígida procurava as conchas inteiras, enquanto a maré só trazia fragmentos. As conchas que ela apresenta em seus trabalhos remetem às brincadeiras infantis, quando na praia tentava moldar bolas de areia perfeitas. Suas hesitações criativas manifestam-se como reticências, em um ir e vir que gera rabiscos mentais, os quais se transformam naturalmente em obras.

Nesta sala, estão expostas criações que trazem o corpo como uma das referências centrais. A corporeidade sugerida pela artista se funde com as estruturas da casa que, em forma de pó, desintegram-se e misturam-se com as memórias e o tempo, ressignificando tanto o espaço quanto a presença.

O corpo nas criações de Brígida registra também os sinais de sua doença, com a qual conviveu por mais de 20 anos. Nas obras, a artista transferiu as imagens dos sintomas para seus bordados, como os pontos vermelhos, as petéquias ou os autorretratos com pelos, efeitos quimioterápicos.

As fábulas permeiam os trabalhos de Brígida Baltar. Não se trata, no entanto, de narrativas em que o público identifica uma linearidade, uma história com começo, meio e fim. Nelas, há "personagens sem história", como a própria artista os descreve. De maneira singular e intimista, primando por um absoluto controle da cena, ora cria cenários operísticos, ora inventa figurinos e instrumentos para coletar a neblina ou o orvalho.

Ficções se desenrolavam em tramas não convencionais, manifestando-se em pequenos gestos e em algumas ações poéticas. Filmes foram elaborados ao longo de toda a sua carreira a partir de diversas ações. Neles, os personagens eram interpretados pela própria artista ou por outras pessoas. A câmera, em alguns momentos, parece dedicar-se à simples contemplação. Em outros, busca o estranhamento, um sentido. Esses elementos transportam o espectador para o universo da ficção, no qual o imaginário e o real se misturam, desafiando a noção de temporalidade e convidando à contemplação de instantes sutis, suspensos e efêmeros.

Ao coletar elementos da natureza, como orvalho, a neblina ou a maresia, Brígida os ressignificou em poéticas que abordavam a impermanência. Esse caráter quase ritualístico se reflete em suas performances e seus vídeos, de modo que os atos de coletar, reter e preservar tornam-se uma metáfora para a busca por algo que é, ao mesmo tempo, essencial evanescente.

O gesto presente na escultura interessava à artista que realizou formas orgânicas em que a hibridização e a metamorfose, também presentes nos filmes, manifestavam-se. O mel, o metal, o vidro soprado e a apropriação de objetos existentes enriqueceram sua experiência escultórica.

Nesta parte da exposição, trazemos as fabulações, nas quais criaturas ganham forma, roupas e caracterizações a partir das histórias e dos mitos encenados por Brígida Baltar.

9 DE SETEMBRO / 2020

NO DIA 5/9 NOS REUNIMOS NO ZOOM: TIAGO, MANUELO CAMPOS, JOCELINO E EU. FOI A PRIMEIRA VEZ QUE NOS ENCONTRAMOS PARA CONVERSAR SOBRE O PROJETO DA MINHA OBRA. PROJETO PARA O FUTURO, MEMÓRIA.

EU JÁ HAVIA CONVERSADO COM TIAGO SOBRE ELE SER O HERDEIRO E CUIDADOR DE ALGUMAS OBRAS. ALGUMAS PORQUE MUITAS JÁ NÃO ME PERTENCEM.

É ESTRANHO O QUE ACONTECE AOS FAMILIARES DE UM ARTISTA QUE DEPENDENTE SE VÊEM TENDO QUE LIDAR COM UM ACERVO E ORGANIZAÇÃO DE UMA VIDA INTENSA PRODUZIDA COMO ALGO E ENCAIXAR DENTRO DOS SEUS PROJETOS DE VIDA.

ONTEM MEU FILHO FEZ 36 ANOS. TRABALHA MUITO COMO TODOS NÓS NA SUA EMPRESA, NOS SEUS ESTUDOS E NOS CUIDADOS COM SUA FAMÍLIA, SUA MULHER ISABEL E MEUS NETOS QUERIDOS ELOIA E FELIPE.

TENHO UMA SAÚDE FRÁGIL, UM TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO CRÔNICO, QUE CULMINOU, ACONSELHADA PELO MANUELO A COMPRAR 2 CADERNOS INICIALMENTE E COLOCAR O MÁXIMO DE

Trechos de cadernos,
entrevistas, conversas...

“

Existia desde a infância um prazer imenso em desenhar, ou fazer bolas de areia perfeitas na praia, ou estar silenciosamente envolvida com alguma atividade, geralmente manual. Eu seguia escutando: “você desenha bem” e, às vezes, esses estímulos que você recebe são suficientes para ir crescendo uma confiança e uma vontade de seguir por aí, mas nada foi imediato, e isso tudo é diferente de viver como artista. Fiz faculdade de História, Arquitetura, e tentei fazer teatro. Tudo era parte dos descobrimentos. Eu sempre penso que meu processo foi por eliminação, de escolhas e, afinal, aos vinte e três anos, estudava na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e fazia parte do grupo Visorama, formado por amigos, artistas, que foi muito importante para mim. Depois, vem a fase entre você experimentar fazer trabalhos de arte e se sentir artista.

O mais interessante é que mesmo fazendo escolhas, não há saída, há uma pulsão que faz você se voltar sempre para aquilo.

(...)

Quando falamos também em memória e afeto, lembro do meu pai, empenhado em redimensionar nossas fabulações infantis ao máximo entre visitas aos parques da cidade e outros lugares de aventuras. Era como se ele tivesse colocado uma lente de aumento em nossos pequenos olhos para observar de perto o esplendor da natureza. Esse olhar permaneceu dentro de mim.”

“

Nos anos 1990, descobri a casa como matéria de investigação para meu trabalho. Ali, comecei certas ações e algumas escavações que foram se tornando cada vez maiores; abri janelas e realizei a obra *Abrigo* [1996], em que desenhei e escavei o molde do meu próprio corpo na parede, com a exatidão do contorno e da profundidade. Nessa época, poeira, goteiras, cascas de tinta, madeira e pedaços de parede passaram a fazer parte do trabalho. Com tijolos, desenvolvi uma série de pequenas esculturas e, quando me mudei daquela casa, levei aqueles que havia retirado, agora em pó. Com esse pó, realizei outros projetos, desenhando em paredes, chão, papel, e trabalhei em novas situações de construção. Tornar a casa em pó dá um sentido de desmaterialização que sempre me interessou e ainda a ideia de desconstruir ao transformar um material rígido em algo tão maleável. É também como levar a casa para outros lugares, uma casa móvel, que viaja pelo mundo.”

“

Desenvolvi a obra *Casa de abelha* quando fui convidada a participar da Bienal de São Paulo, em 2002, que tratava do tema cidades. Mais uma vez, eu escolhi a casa. Agora, como um núcleo gerador de afetividades, uma fábrica de pensamentos - a unidade no todo. A referência era o universo das abelhas, citadas muitas vezes pela maneira com que regem a vida nas colmeias. Elas constroem a casa e o alimento simultaneamente. O tecido que utilizei, em ponto de bordado, conhecido como casa de abelha e cor de mel, foi colocado em partes do corpo, sugerindo favos.”

“

Ele [o trabalho *Coleta das goteiras*] começou nessas experiências da casa, os tijolos eram parte disso. *Banho e chuva*, por exemplo, é anterior, eu não sabia que iria coletar neblina ou goteiras, e ele já tem essa relação com a ideia de coletar... O trabalho na casa começou mesmo com o armazenamento de materiais. Eu colocava as tintas das paredes em potes de vidro e, às vezes, fazia desenhos com aquelas cascas de tinta. E continuava fazendo buracos nas paredes, plantava ervas nos tijolos e fotografava tudo. A casa era como se fosse um laboratório.”

“

Não há escolha sem morte. Eu fiz ações concretas de enterros: de livros, de coisas, de fotografias, de roupas, de palavras… Chamei essa série de ações *Enterrar é plantar*. Mais uma vez, o tom era simbólico. Quando você abre uma porta, pode trancar outra. Todo mundo já ouviu isso. Ou se você toma certo caminho, o outro desaparece para a sua experiência. Essas ações que realizei estavam dentro deste processo de autoconhecimento, de busca de identidade, de mudanças, de escolhas.”

“

Alguns trabalhos surgiram da expectativa sobre um exame chamado quimerismo, que anunciaria a compatibilidade do doador, e da descoberta de que nos congressos de hematologia projeta-se a imagem do monstro Quimera. O transplantado é um ser quimérico: há um outro dentro de si. Surgiram então as obras bordadas das espécies de plantas em associações biológicas arbitrárias. Novamente, dois seres em um: a costela-de-adão costurada à folha vermelha da begônia, os cogumelos com a beterraba e mais cogumelos unidos ao coração da bananeira. O quimerismo das plantas está também nas esculturas em bronze, o material da eternidade, assim como no afeto eterno entre os compatíveis. Algumas recebem o título de *Irmãos*.

(...) Eu fui ler sobre o mito da Quimera e comecei a descobrir que quimera é um termo muito amplo, você parte da mitologia, mas você continua usando o termo quimera em, por exemplo, estruturas arquitetônicas, aqueles monstros híbridos que compõem as fachadas, justamente para trazer sorte ou afastar infortúnios. E foi se ampliando. Na verdade, esse conceito chegou ao conceito de fantasia, de sonho, então, quimera é utopia.”

“

Em minha mais recente exposição [*O amor do pássaro rebelde*, no Parque Lage, no Rio, em 2012], fiz uma ópera, criei personagens híbridos, com roupas e máscaras, em torno dos quais ergui uma estrutura de filmagem. Geralmente, quando estou diante de um trabalho novo, tento me colocar numa situação de muita liberdade e procuro adquirir certo esquecimento do meu próprio percurso. Mas o interessante é que, logo em seguida, começo a ver conexões com obras já realizadas, o que me dá alegria.

(...) eu trabalhei com uma narrativa, com uma história. Embora eu tenha trabalhado com *Carmen*, de Bizet, me interessa menos a história da Carmen, da mesma maneira que eu trabalhei com a memória desta casa, mas para falar de outras questões. Eu não quis fazer um documentário. Na verdade, são duas encenações muito claras, uma fala de morte e a outra de amor, e elas trazem essa generalização (dramática) que no fundo é o que mais se aproxima do meu interesse. Ao mesmo tempo, construí três pequenos teatros de madeira para apresentar as óperas. É também trazer o espetáculo para uma visão intimista (...).

(...) No filme, eles atuam nesse lugar da fábula. São personagens que não têm história, são como fantasmas que saíram dessas óperas, dessas histórias, de uma memória, talvez, e que vivem nesse lugar da metamorfose. Então, ao mesmo tempo, ele é um cavaleiro e um cavalo. São metade personagens da ópera, metade, da natureza. Tem a personagem com cabelos vermelhos e gola rufo, ela é quase um mico-leão-dourado, a roupa tem pelos.”

“

Coletar neblina me fez experimentar várias maneiras diferentes de apresentar a performance: através de fotos, vídeos, filmes, desenhos e sons. Eu queria manter os filmes sem ruídos, intensificando a atmosfera silenciosa que as imagens continham, mas eu achava que aqueles minúsculos ruídos dos frascos de vidro ou passos nas matas durante as ações poderiam estar presentes algumas vezes. Então, usei o material sonoro que tinha gravado e criei um vinil, com interferências digitais. A instalação das coletas quase sempre vem acompanhada de um toca-discos e alguns alto-falantes. Em algumas exposições, usei mais de um equipamento, criando uma espécie de orquestra de vitrolas.

(...) Uma paisagem com neblina pode ser potencialmente bela ou enigmática, mas para mim o mais importante era estar lá, dentro da paisagem.

A paisagem é aquilo que você apreende com o olhar, é uma visão. Já a natureza está em toda parte, dentro e fora de você, você pode respirá-la.”

“

Comecei a desenvolver estas obras enquanto pensava nos sentidos da palavra quimera. Quimera pode ser ficção, devaneio, monstro mítico, peixe. E descobri que é nas profundezas que todos os seres são híbridos. E fui para o mar, para as conchas e cracas. Pensei em um mar com carne e decidi pelas estranhas cores sanguíneas.

Conversas de oceano, grutas, conchas, lambidas do mar. Máscaras desses habitantes que sentem tristeza e tomam banho de sol. Conchas fantasmas. Um pouco da memória das areias da praia de Copacabana, onde deixei muitas horas da infância atrás da captura de conchas, inteiras, perfeitas, mas encontrei cacos.”

“

Maria Farinha Ghost Crab é um filme-fábula inspirado no caranguejo de areia conhecido como caranguejo-fantasma pelo seu aspecto e sua personalidade ágil e fugidia. A atriz Lorena da Silva incorpora a Maria Farinha e desenvolve algumas ações, como cavar tocas, correr velozmente ao longo da praia deserta e escutar sons pelos fones de ouvido em formato de conchas, que usa. Ela parece sonhar ou ter devaneios. O filme foi realizado em Ilha Grande, Rio de Janeiro, em 2004, em 16 mm.”

“

Torre é também um lugar de experimentação, quando construo com os tijolos da casa este local circular que envolve perfeitamente o corpo. O tempo todo, a casa é corpo e espaço de autoconstrução. Mas a ideia de desconstrução também permeia toda a obra. Por exemplo, quando muitos tijolos viram pó para então darem forma a desenhos no espaço ou no papel e a objetos, como livros ou mesmo os minitijolinhos.”

“

Foi naquele ano [1989], também marcado pela queda do muro de Berlim, que pela primeira vez aluguei um espaço para trabalhar, em uma antiga residência colonial, em Botafogo. Eu não tinha noção do longo tempo que iria permanecer ali. Logo depois, virou casa também. Uma casa-laboratório, uma pele, uma extensão do corpo. E, como no caso do muro na Alemanha, também quebrei paredes, abri janelas e fiz buracos para armazenar pequenas existências e segredos. Um lugar onde mergulhei nas experiências transformadoras de vida que me fizeram artista.

Todo meu processo, então, na época, podia se resumir a colecionar e selecionar materiais. Um vidro conteve lágrimas que eu guardava em um pequeno buraco na parede. Ainda falando dos anos de 1990, incorporei situações como abrir uma janela. Com a participação do meu filho Tiago, nós abrimos uma janela na parede. Nesse momento, a relação entre vida e arte ficou entrelaçada.”

“

Chamei a exposição de *Irmãos* [Brígida se refere a uma exposição em 2016]. Na verdade, teve uma relação com meu irmão, um fato da vida pessoal, ele foi doador de um transplante de medula óssea que eu tive que me submeter em 2015, mas o título chegou depois. O que me inspirou muito na produção das obras foi a ideia da quimera. Tinha um exame que nós tínhamos que nos submeter chamado quimerismo, que é justamente para ver o quanto da medula do meu irmão, no caso o doador, tinha dentro de mim. Então a ideia do transplantado é também esse ser híbrido, que você tem mais de um corpo dentro de si. Isso tudo me inspirou...”*

“

As marcas que estavam na pele, as quais convivia diariamente, tornaram-se metáforas. Assim iniciei os bordados dos hematomas e das petéquias. O tempo para executar o trabalho correspondia ao período das esperas, que me levou a escolher uma linha mais fina para bordar - usei as de costurar em máquinas. Lentamente, apareceram manchas arredondadas, em cores sanguíneas, roxas e esverdeadas; uma geometria orgânica que, se não fosse pela certeza do título, nunca se saberia de que se tratava. Era uma abstração têxtil.”

* Transcrição do vídeo sobre a exposição Irmãos

“

(…) consegui recuperar algumas fitas que estavam guardadas em gavetas e que, por mais algum tempo, poderiam danificar. Encontrei fitas em 16 mm, em MiniDV e até VHS e Hi8. É um trabalho bom e, ao mesmo tempo, não é tão fácil, pois é um olhar sobre o passado e como lidar com as suas transformações e, ao mesmo tempo, respeitar o que foi feito. Tentei fazer modificações mínimas e criar filmes inéditos.”

“

Usei o vinil numa época em que ninguém mais estava falando em vinil. E isso também passa por essa coisa muito orgânica do que se esteja vivendo no momento: eu tinha ido para a Alemanha e, quando eu visitava as pessoas de lá, todo mundo escutava discos de vinil e tinha vitrola. E, no Brasil, você só via aqueles discos no meio da rua sendo vendidos a dez centavos. Fiquei animada para fazer um. E fui fazer um filme em 16 mm também.

Mas não estava levantando nenhum pensamento antitecnológico, na verdade, eu estava perseguindo uma imagem que me interessava, que é analógica. Eu me formei com analogia, o meu portfólio nos anos 1990 era todo em slides e eu fotografava com uma Pentax analógica ¬- todas as fotos da neblina foram feitas com essa câmera. A entrada do mundo digital foi decepcionante para mim, porque o que eu via não tinha qualidade. E isso já mudou. Há câmeras de vídeo que se aproximam da tradicional imagem do cinema, da película. Eu sou da geração que viveu essa transformação, e meu trabalho traz essa mistura.”

“

Quando eu comecei a coletar o orvalho, primeiro foi como extensão das ações, que eu já estava fazendo na casa, para a natureza. Eu levava móveis e partes da casa para a natureza. Foi quando comecei a colher orvalho. E depois neblina. A minha captura era de significado, porque tudo significa, de certa maneira. Então, a neblina é mistério, invisibilidade, paisagem que muda, falta de localização, o lugar do sublime, do corpo diante dessa paisagem. Todos esses significados colocam você também no lugar de captar a impossibilidade. É chegar ao espaço da ficção. E tudo foi muito processual, porque no começo, realmente, eu pensava em vedar os vidros, até entender que a minha captura era de sentidos.”

“

A prata é o metal do secreto, do misterioso, da energia introvertida. Prata é espelho da alma. Ligada aos reinos interiores profundos da emoção e intuição. A prata, na China, é um amuleto de proteção. Crianças, desde pequenas, usam correntes e medalhas de prata. Ligada a noções abstratas e espirituais. Associada a espiritualidade.”

“

Com Giorgio Ronna, que tinha uma dessas câmeras, fizemos De noite no aeroporto. Estávamos acompanhando interessados o recente surgimento do Dogma 95, e *De noite no aeroporto* trouxe os mesmos recursos de *night shot* e *super night shot* e movimentos de câmera na mão bem incorporados à poética Dogma. *O refúgio de Giorgio* tem também a mesma atmosfera. Mostramos *De noite no aeroporto* no festival de Obenhausen, na Alemanha, numa sessão chamada *Air From the Other Planets*, e foi bom. Isso aconteceu em 2001, e estar neste festival foi bem especial, havia muitas sessões de filmes de artistas, como Douglas Gordon e Bas Jan Ader, entre outros, de quem pude conhecer a obra mais profundamente quando estive lá.”

“

20 de março de 2021

As dores começam a aumentar. Hoje, conversei com meu sobrinho e amigo Vicente. Acho que meu último trabalho será o tapete. *Tapete* feito para minha mãe, avó, tia, irmã, para mim. Ele termina agora com a ajuda do Vicente. Todas as partes que faltam devem ser bordadas com amarelo.

Será meu último projeto.”

“

A ideia era usar o corpo como estrutura e a casa como extensão do próprio corpo. Eu gosto de pensar como se o corpo fosse uma continuação daqueles tijolos, o corpo como fortaleza, um corpo que sustenta uma parede.

“

Eu não pensava em fazer filmes, queria mesmo era cavar buracos na parede, plantar em tijolos, enterrar coisas, colher algumas substâncias… mas eram atos e lugares tão particulares que precisei de uma câmera para registrar.

“

A ideia do transplantado é também esse ser híbrido, que você tem mais de um corpo dentro de si. Isso tudo me inspirou…

“

Há um lugar dentro de cada um
Há uma mata dentro de cada um
Há a cura dentro de cada um

“

Quando meu trabalho começa a ficar muito realista, eu dou logo uma escapada. Gosto das situações mais impossíveis.

“

… é o mistério das coisas, do tempo, do espaço íntimo. Acho que essa ação diz sobre o imprevisível, os acasos, o que não se sabe.

“

Eu concebi roupas especiais e passei a construir vidros estranhos, com formas orgânicas, coletores de umidade. E esses adereços davam um tom mais irreal à obra.

“

E agora assisto Noite, de Antonioni. Que beleza os cinzas. Que beleza o meio-tom. Mesmo o branco da roupa de Jeanne Moreau é perfeito.

“

Hoje pensei:
Natureza, corpo e fantasia.

“

A forma das plantas apresenta sua própria finalidade de cura.

“

Minha obra é orgânica, é fluxo. Mudei títulos, formatos, etc. O artista é pulsão, pode e deve destruir aquilo que fez e não agradou. Assim será e sempre foi o que aconteceu comigo.

Brígida Baltar

:

Pontuações

Curadoria
Curaduría / Curatorship
Amanda Bonan
Marcelo Campos
Jocelino Pessoa

Curadores Assistentes
Curadores Asistentes / Assistant Curators
Amanda Rezende
Jean Carlos Azuos
Thayná Trindade
Ygor Landarin

Produção
Producción / Production
Stella Paiva
Iuna Patacho
Renato Vieira
Saturno Douglas
Estagiárias:
Ana Júlia Teodoro
Ândrea Muller
Bianca Banhara
Rebeca Souza
Juliana Feitosa
Verônica Vieira

Projeto Expográfico
Proyecto Expográfico / Exhibition Design
Estúdio Sauá
Mostra - Arte e Arquitetura
Tania Sarquis
Thiago Borges
Daniel Leão

Assistência de expografia
Asistentes de Proyecto Expográfico
Exhibition Design Assistants
Renata Frignani
Felipe Soares
Ismael Rego
Talita Belo

Comunicação
Comunicación / Communication
Marcelo Henrique Andrade
Bernard Gotelip
João Gabriel Peixoto
Priscilla Casagrande
Renata de Almeida
Estagiário:
Luís Gustavo Carmo

Museologia
Museología / Museology
Andréa Zabrieszach dos Santos
Bruna Nicolau
Isabela Cruz
Luana Santos
Priscila Zurita

Estagiários:
Davi Arcoverde
Graziela Simões
Julia Costa
Taina Ribeiro

Bibliotecária documentalista
Bibliotecaria Documentalista
Documentalist Librarian
Karen Merlim
Estagiária:
Sthefany Lopes

Laudos Museológicos
Informes del Museo / Museological Reports
Bruna Lustosa
Caio Corato
Priscilla Moret

Montagem das Obras
Montaje de Obras / Installation of The Artworks
Marcos Inácio Meireles
Renato Dias
KBedim Montagem e Produção Cultural
Lampadário São José

Equipamentos Audiovisuais
Equipo audiovisual / Audiovisual Equipment
Linha D Montagens

Design Gráfico
Diseñador Gráfico / Graphic Designer
Lucas Bevilaqua

Impressão Fine Art
Impresión Fine Art / Fine Art Printing
Thiago Barros

Confecção de Obras Comissionadas
Creación de Obras por Encargo
Creation of Commissioned Works
Fundição Messias
Guilherme Blatter
Maquetes Zollinger
Palmarium

Cenotecnia
Escenotécnica / Scenotechnics
FR Cenografia

Plotagem e Sinalização
Ploteo y Señalización / Plotting and Signaling
Artes & Ofícios
Ginga Design
Paulo Santos

Parceiros
Colaboradores / Partners
Instituto Brígida Baltar
Galeria Nara Roesler

Iluminação
Iluminación / Lightining
Samuel Betts - Belight

Tradução dos Textos e Revisão
Traducción de Textos y Revisión
Text Translation and Proofreading
Adriana Maciel
Lia Mota e Lilian Akemi - Numa Editora

Instituto Brígida Baltar

Diretor-Presidente
Director General / CEO
Tiago Baltar

Diretor Artístico
Director Artístico / Artistic Director
Jocelino Pessoa

Conselho
Consejo de Administración / Board
Álvaro Piquet Pessôa
Luísa Duarte
Marcelo Campos
Ricardo Resende

Assistente do Ateliê de Brígida Baltar
Ayudante de estudio de Brígida Baltar
Brígida Baltar's Studio Assistant
Ygor Landarin

Agradecimentos
Agradecimientos / Special Thanks to
Amalia Giacomini
Ana Miguel
Thais Zylberberg
Claudio Baltar
Diego Martins
Eduardo Coimbra
Efrain Almeida
Fernanda Bastos
Galeria Inox
Jonas Esteves
José Artur Torres Ronna
Nara Roesler
Renato Bezerra de Mello
Rui Cortez
Sandra Elisabete Nogueira Ronna
Vicente Baltar
Wilton Montenegro

Ministério da Cultura, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Cultura apresentam

MUSEU DE ARTE DO RIO

BRÍGIDA BALTAR : PONTUAÇÕES

MANTENEDOR

Lei de Incentivo à Cultura
Lei Rouanet

INSTITUTO CULTURAL VALE

PATROCÍNIO MASTER

equinor

globo

PATROCÍNIO

rede Itaú

APOIO

INSTITUTO Machado Meyer

Wilson, Sons

PARCEIRO DE MÍDIA

curta!On CLUBE DE DOCUMENTÁRIOS

PARCERIA DA EXPOSIÇÃO

Instituto Brígida Baltar

nara roesler

GESTÃO

OEI

CORREALIZAÇÃO

instituto artecidadania

APOIO

GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO

CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO

Fundação Roberto Marinho

PREFEITURA DO RIO
Secretaria Municipal de Cultura

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO